

**Os EUA e a Exportação e a Expansão do Ensino de Management no Brasil nas  
décadas de 1950 e 1960**

Rafael Alcadipani<sup>1</sup>  
Carlos O. Bertero<sup>2</sup>

**Resumo**

Estudos a respeito da História em administração em geral e da história do ensino de administração tem ganhado destaque na área recentemente em nosso país. Neste artigo discutimos como instituições dos EUA atuaram na exportação e expansão do ensino de Management no Brasil durante os anos de 1950 e 1960. Argumentamos que a representação diplomática dos EUA, a MSU e a Fundação Ford formaram uma rede que possibilitou a exportação e expansão do ensino do management no país. Este artigo contribui ao aprofundamos a questão da exportação e expansão do ensino do management para o Brasil ao contextualizarmos esta ação dentro das relações Brasil-EUA da época. Além disso, mostramos detalhadamente o papel das instituições Norte-Americanas neste processo e trazemos ainda a questão da expansão deste ensino para o Sul e o Nordeste do Brasil como o resultado de apoio e pressões dos EUA para que isso acontecesse.

---

<sup>1</sup> FGV - EAESP

<sup>2</sup> FGV - EAESP

### ***Introdução***

Este é um estudo a respeito da sociologia da ciência da Administração, uma vez que aborda a história do campo. Ele está circunscrito em análises da importação do management para o Brasil (Serva, 1992). No final do século XIX e início do século XX, a Management despontou como um conjunto de técnicas e habilidades que poderiam ser ensinadas no sistema escolar. É, também, nesse período, que a profissão de administrador emerge. Em inúmeros países da Europa, o ensino de Administração não surgiu dentro de universidades, mas, sim, com a criação de escolas comerciais independentes no final dos anos de 1800 e início de 1900 (Üsdiken, 2004). Porém, é nos Estados Unidos da América (EUA) que o ensino de Management transformou-se em um curso universitário e ganhou destaque mundial. Conforme destacam Alcadipani & Rosa (2011) modos de organizar fazem parte de nossa civilização desde suas origens, todavia é em um contexto histórico e econômico específico que uma maneira de administrar particular emerge. Tal maneira surge nos EUA e preza pela eficácia, eficiência, maximização de resultados e se pretende politicamente neutro. É exatamente a isso que o management significa (ALCADIPANI e ROSA, 2011)

A consolidação do ensino do management ocorreu nos EUA no contexto da emergência e consolidação das grandes corporações e com a intenção de se construir um corpo profissional para assumir o seu comando (Khurana, 2007). Para Khurana (2007), a figura do gestor não se encontrava na visão econômica convencional que apenas reconhecia o proprietário e o trabalhador. As funções do gestor, atualmente reconhecidas e socialmente aceitas, eram relacionadas tão somente à direção de pessoas, definição de procedimentos e formas de vender produtos, estabelecimento das maneiras de distribuir o que se produzia, etc. No processo de realizar tais funções, os gestores começaram a se apropriar gradualmente de tarefas antes exercidas por empreendedores. É nesse contexto que surgem as escolas de negócios nos Estados Unidos, que tiveram papel preponderante não apenas em formar profissionais para assumir o comando das corporações, mas também funcionaram como instrumento fundamental na criação da profissão de gestor (ver Khurana, 2007).

A consolidação do ensino de Management coincidiu com o estabelecimento dos Estados Unidos como superpotência mundial no século XX (Bertero, 2006) e o que é conhecido atualmente como gestão é fundamentalmente considerado como uma criação norte-americana. O ensino de Management dos EUA difundiu-se no mundo por meio da americanização, um processo deliberado e consciente de difusão dos valores básicos dos EUA para países sob sua influência, como resultado de sua preponderância política, econômica e militar (Gerstle, 1989; Tota, 2000; Alcadipani & Caldas, 2012). Na América Latina, a criação de instituições que ensinam Management ancorou-se num modelo norte-americano (ver Caldas, 1997; Caldas & Alcadipani, 2006; Gantman & Rodrigues, 2008). Na Argentina, por exemplo, o primeiro curso de graduação em Management foi criado em 1958 na Universidade de Buenos Aires. Para ministrar as diferentes disciplinas, professores foram encaminhados para estudar na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos.

Ao longo de seus quase 60 anos de existência, o ensino de Management no Brasil assumiu dimensões impressionantes. São mais de 2000 cursos de graduação, sendo que quase 20% dos alunos de graduação no Brasil estão matriculados em um curso de Management. Há, ainda, mais de uma centena de cursos de pós-graduação *stricto-sensu* reconhecidos pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e há por volta de 200.000 professores na área atuando apenas nos cursos de graduação. Existe, ainda, um número significativo de cursos de pós-graduação *lato-sensu* a respeito dos quais não há estatísticas confiáveis, mas que alguns estimam aproximar-se de uma dezena de milhar. Poucos estudos foram realizados com o intuito de entender as origens históricas de tal expansão.

O ensino da Management no Brasil teve início na cidade de São Paulo, que já despontava como foco de crescimento econômico e base industrial, no final dos anos 1940. O primeiro curso foi ministrado na Escola Superior de Negócios (ESAN) por iniciativa do padre jesuíta Roberto Sabóia de Medeiros que mantinha relações com a Universidade de Harvard. Apesar do pioneirismo, a ESAN perdeu a proeminência na difusão do ensino de Management no Brasil para a Escola de Management de São Paulo, da Fundação Getúlio Vargas (EAESP-FGV) e para a Faculdade de Economia e Management, da Universidade de São Paulo (FEA-USP). Estudos recentes analisaram

a criação da EAESP-FGV (Alcadipani & Bertero, 2012; 2013), a FACE-UFMG (Barros, 2013) e do departamento de Management da FEA-USP (Vale, 2012).

No caso da criação e desenvolvimento da EAESP-FGV, os EUA, principal financiador da difusão do ensino de Management no mundo, tiveram papel de destaque na medida em que ajudaram a financiar a criação da escola, participaram com o envio de uma missão universitária de professores da *Michigan State University* (MSU) para criar a instituição e forneceram treinamento e formação em instituições de ensino dos EUA para professores brasileiros. Professores da MSU estiveram presentes ainda na UFRGS e na UFBA, denotando a presença importante de instituições Norte-Americanas na exportação e expansão do ensino no management no Brasil. Neste artigo analisaremos o papel desempenhado pelos EUA na exportação e expansão do ensino de Management no Brasil durante as décadas de 1950 e 1960, em especial na criação dos cursos de Management na UFBA e na UFRGS. Assim nossa pergunta neste texto é: Como instituições dos EUA atuaram na expansão do ensino de Management no Brasil durante os anos de 1950 e 1960, em especial nos casos dos cursos de Management das Universidades Federais da Bahia e do Rio Grande do Sul?

#### **Metodologia: Historiografia e Pesquisa em Arquivo**

A História é um campo de conhecimento amplo e diverso, dotado de inúmeras correntes e abordagens teóricas (ver Iggers, 1997; Warren, 1998) que tornam esse campo repleto de complexidades. Apesar de considerar o caráter plural e multifacetado da História, este trabalho não adota uma linha teórica específica dentro da História. O que faremos aqui é tomar a História como uma abordagem de pesquisa, ou seja, ela será considerada como um método. Desta forma, o que pretendemos aqui é realizar uma historiografia (Mills & Yue, 2012), algo que já foi realizado por outros autores da área de estudos organizacionais (e.x.: Cooke, 2003; Booth & Rowlinson, 2006; Vizeu, 2010; Alcadipani & Bertero, 2011; Alcadipani & Bertero, 2012; Durepos et. all 2013 ).

No Brasil, apesar de crescentes, ainda são incipientes os estudos ligados à história da Management e das organizações. Exemplos são Segnini (1982) que discutiu mecanismos de poder em operação na Companhia Paulista de Estradas de

Ferro. Vizeu (2008) analisou a formação do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT). Curado (2005) analisou documentos e realizou entrevistas a fim de discutir a emergência e formação dos saberes em Management no país.

No que diz respeito ao ensino da management, Fischer (1984), realizando entrevistas e análise de documentos, discutiu o desenvolvimento do ensino brasileiro de Management Pública. Covre (1981), usando análise de documentos, entrevistas e questionários, analisou a EAESP como uma instituição cujo objetivo fundamental é atender ao capital. Financiado pela Fundação Ford e por meio de análise de documentos, Anderson (1987) discutiu o desenvolvimento da educação em Management no Brasil. Vale frisar que o citado autor fez parte da missão da MSU, a qual criou a EAESP. Alcadipani e Bertero (2012) mostraram o papel desempenhado pela Guerra Fria na criação da EAESP-FGV. Em outro texto, os autores mostram como a FGV-EAESP é uma instituição híbrida, não uma mera cópia de escolas de Management dos EUA (Alcadipani & Bertero, 2012). Vale (2012) analisou a criação do departamento de Management da FEA-USP. Barros (2013) analisou a história da FACE-UFMG. Barros e Carrieri (2013) mostraram o papel dos convênios de cooperação Brasil-EUA nos anos de 1940 e 1950 na difusão do ensino de management no Brasil. Existem, ainda, livros em tom triunfalista que trazem depoimentos a respeito da criação de algumas instituições de ensino e pesquisa na área (ver D'Araujo, 1999).

É possível argumentar que há um crescente interesse pela historiografia no campo de teoria das organizações e da Management (Costa, Barros & Martins, 2010; Clark & Rowlinson; 2004; Booth & Rowlinson, 2006; Vizeu, 2010; Costa, Barros & Carvalho, 2011; Barros et. al., 2011; Durepos et. All., 2012). Dentre as diferentes correntes, este artigo afilia-se ao campo emergente de História da Management e das Organizações (Booth & Rowlinson, 2006; Cooke, 2006; 2007), o qual se diferencia da História dos Negócios por considerar as ideias, práticas e discursos da Management como fenômenos históricos, sociais e geopolíticos. Nesse campo emergente, defende-se, ainda, que estudos históricos dizem respeito ao presente e ao passado, concomitantemente (Cooke, 2003), e, além disso, considera que a maneira pela qual a história é escrita, permite selecionar e ignorar eventos passados, sendo essas escolhas

moldadas pelas presentes relações de poder e suas associadas ideologias (Cooke, 1999).

Assim, para Cooke (2003), aquilo que é considerado como historiografia contribui para a legitimação das instituições, práticas e corpos de conhecimento contemporâneos. Essa abordagem nos permite mostrar que o presente não é algo natural, mas sim, o resultado de ações e práticas específicas que poderiam ser outras (Jacques, 2006). Além disso, nesta pesquisa partiremos do pressuposto que seu objeto de análise somente pode ser compreendido dentro do contexto histórico nacional e internacional de sua época. Isso implica que as organizações e o conhecimento gerado sobre elas são tratados como algo imerso em um contexto histórico-social, o qual precisa ser investigado e analisado (March, 2007).

A historiografia está tradicionalmente relacionada com a análise de documentos (Costa, Barros & Martins, 2010) que se constituem como arquivos. Para Mills & Helms Mills (2011:342) arquivos são:

“the materials in archive collections were collected for a variety of reasons, ranging from the filing of documents for marketing, legal, or other business-related requirements through to the establishment of a historical record. In the former cases the collected materials do not formally constitute an archive but the term is often applied by researchers who access them for the purpose of studying a particular phenomenon, institution, group, place or person. It is usually once these kinds of materials are specifically collected together for the purpose of preserving a ‘history’ of an organization, person, or place, and are ‘housed’ in a distinct location that they become formally designated an ‘archive’”

Para este estudo, analisaremos os relatórios enviados pela missão de professores da *Michigan State University* que foi incumbida de criar a FGV-EAESP, isso pelo fato dos professores desta missão terem desempenhado papel crucial na difusão do ensino de management para outras escolas do Brasil. Tivemos acesso a estes relatórios que estavam localizados dentro da presidência da FGV, no Rio de

Janeiro. Analisaremos, ainda, documentação da Fundação Ford a respeito do mesmo período, uma vez que a Fundação Ford também apoiou a difusão do ensino de Management no Brasil no período de análise. Tais documentos foram coletados na sede da Fundação Ford em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Analisando, ainda, telegramas enviados pelos embaixadores dos EUA no Brasil para o Departamento de Estado disponíveis na internet. Por fim, coletamos e analisamos arquivos presentes nos arquivos históricos da MSU.

É preciso lembrar que a especificidade dos fenômenos em nosso contexto nacional é bastante diversa daquela produzida nos países onde o management surge como uma disciplina organizada, uma corrente de pensamento e uma prática social, o que revela a emergência de uma historiografia da Management brasileira. A seguir buscamos o papel das instituições Norte-Americanas na difusão do ensino de management no Brasil. Focamos nas décadas de 1950 e 1960 pelo fato de ser o momento em que o ensino de Management deixa de ser uma exclusividade da cidade de São Paulo e é transladado para o Rio Grande do Sul e para a Bahia.

### **Instituições dos EUA e a Expansão do Ensino de Management no Brasil**

#### *Representação Diplomática dos EUA*

O envio do ensino do management para o Brasil estava ligado a programas de ajuda daquele país para outros países do mundo no cenário de Guerra Fria. Especificamente, a vinda do management para o Brasil está circunscrito em uma lógica de diversos acordos de cooperação entre o Brasil e os EUA que aconteceram nos anos de 1950 e 1960. Estes esforços de ajuda estavam dentro das atividades do Ponto IV e posteriormente do USAID, ambos órgãos do governo Norte-Americano. A relação entre a Guerra Fria, o Ponto IV e o ensino do management no Brasil já é conhecida e foi analisada em outro texto (Alcadipani & Bertero, 2011).

Por se tratar de um projeto que envolvia o governo dos EUA, a representação diplomática do país no Brasil desempenhou um papel importante em negociações que estavam indiretamente relacionadas com a exportação e a expansão do management dos EUA para o Brasil. Tal exportação e expansão está imersa no contexto das relações entre Brasil e EUA. Os EUA possuem sua representação diplomática em nosso país desde Outubro de 1825. Nos de 1950 e 1960 os EUA tiveram nove

diferentes embaixadores no país. A tabela 1 mostra da lista de embaixadores e o tempo que serviram no país.

Herschel Vespasian Johnson	22 de Julho de 1948	27 de Maio de 1953
James S. Kemper	18 de Agosto de 1953	26 de Julho de 1955
James Clement Dunn	11 de Março de 1955	04 de Julho de 1956
Ellis O. Briggs	24 de Julho de 1956	29 de Abril de 1959
Clare Boothe Luce	29 de Abril de 1959	01 de Maio de 1959
John M. Cabot	22 de Julho de 1959	17 de Agosto de 1961
Lincoln Gordon	19 de Outubro de 1961	25 de Fevereiro de 1966
John W. Tuthill	30 de Junho de 1966	09 de Janeiro de 1969
Charles Burke Elbrick	14 de Julho de 1969	07 de Maio de 1970

Tabela 1

O contrato que celebra o acordo entre o governo dos EUA e a MSU é de Junho de 1953. A análise dos telegramas dos embaixadores dos EUA para o governo do país revelam que entre 1952 e 1956 a missão diplomática dos EUA esteve envolvida em expressivas controvérsias com o governo Brasileiro que estavam diretamente relacionadas com a cooperação técnica e financeira entre EUA e Brasil. Após 1956, tais controvérsias e disputas diminuíram significativamente, possivelmente devido a estabilização da situação do Brasil com o governo de Juscelino. Quando da renúncia



de Jânio Quadros, a questão política vira tema central das conversas, mas a questão da cooperação técnica e econômica não fica tanto em evidência.

Há diferentes telegramas que sugerem a relação conturbada entre Brasil e EUA daquela época. Por exemplo, no dia 11 de março de 1952 às 8 horas da manhã o embaixador dos EUA, Johnson, enviou telegrama classificado como secreto para o Departamento de Estado. O Embaixador Johnson relata uma conversa que teve com o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, referido no texto como FonMin.

“There are two groups in Braz whose activities and intentions are hostile to US-Braz collaboration. One of these groups is Commie whose motives are known and require no particular discussion relation present situation. Other group composed people who profess profound skepticism at practical possibility of any benefit to result to Braz through coop with US. This group at present moment is focusing its attacks on Lafer who is staunch proponent Braz-US collaboration. Any indication that banks are withholding action on Joint Comm projects as means of pressure on Braz Govt wld be according to FonMin immed pointed to by Lafer’s enemies as proof that US lacks sincerity and that loans so confidently promised by Lafer wld never materialize. (...) FonMin further stated that if Lafer shld lose out in his present fight, he wld unquestionably be replaced by some one not favorable to close coop with US, that it wld mean a serious setback for all proponents of that collaboration. He considers it particularly unfortunate that this crisis has arisen just at moment when US and Braz are approaching agreement on various important matters long under study. (...). While he did not specifically say so, he indicated that a polit crisis which wld result in Lafer’s departure might jeopardize or seriously retard our agreement on other matters.” (832.00 TA/3–1152:Telegram)

O telegrama deixa claro que o Ministro da Fazenda, Horácio Lafer, era a favor da colaboração com os EUA, mas que ele enfrentava resistências de outros grupos, entre eles comunistas (commie, conforme mencionado acima). Indicava, ainda, que caso os bancos dos EUA decidissem interromper o fluxo de recursos como forma de pressionar o governo Brasileiro em torno de uma disputa que Brasil e os bancos dos

EUA estavam travando, iriam enfraquecer ainda mais a posição de Lafer no governo de Getulio Vargas. A saída de Lafer é percebida como prejudicial para as relações entre Brasil e EUA. Possivelmente, poderia afetar as negociações ligadas ao auxílio dos EUA para a exportação e expansão da educação em management no Brasil.

Outro telegrama enviado para o Departamento de Estado às 8 hs do dia 09 de Maio de 1952, o Embaixador Johnson relata um encontro que esteve com o Presidente Getúlio Vargas.

“began his own remarks with statement that he hoped we wld realize tremendous pressure now on him through growing force of nationalism, which he frankly said had been linked in many minds with Commie, but nevertheless, was a major factor in his own political calculations. He spoke of resentful feeling existing in Braz because of large sums of money allocated through Marshall Plan to Eur, and other areas of the world in comparison to what had been done for Braz. He also expressed his disappointment and dissatisfaction with slow progress made by Joint Comm”. (800.05132/5–952:Telegram)

No telegrama, o embaixador deixa claro a posição expressa pelo presidente Getulio Vargas de que os comunistas estavam buscando influenciar seu governo. Fica ainda expresso o ressentimento dos Brasileiros pela suposta falta de atenção dada pelos EUA ao país, especialmente quando comparada com a atenção dada à Europa e outras partes do mundo. Vargas, ainda, mostra sua insatisfação com os progressos feitos pela EUA-Brazil Joint Economic Development Commission, órgão que iria organizar e gerir os programas de cooperação técnica e econômica entre os países. Vale lembrar que desde antes da II Guerra Mundial o Governo dos EUA estabeleceu parcerias que deram auxílio para o Brasil. Habilmente, Getulio Vargas conseguiu atrair acordos de cooperação técnica e financeira desde o início do seu primeiro governo (Tota, 2000). Após o governo de Getulio Vargas, o Presidente Café Filho, que ocupou o cargo por pouco mais de um ano após o suicídio do então presidente, insistia na necessidade de cooperação entre os dois países. Em telegrama enviado para o Departamento de Estado pelo Embaixador Kemper em 07 de Janeiro de 1955 às 7 horas, Kemper

relatou e comentou encontro com o Presidente do Brasil a época, argumentando que ele

“pledge of assistance to friendly nations plus continued press references to Marshall Plan for aid has caused Brazilians to ask In what respects have we failed to cooperate and why is assistance we so desperately need being denied us?” Actually Brazil has not acted with reasonable promptness on a number of pending matters. But the heroic effort being made to bring some order out of present chaotic financial situation merits both our admiration and our assistance.” (732.00/1-755)

Mais uma vez, a questão do Plano Marshall vem à tona e o Brasil parece ressentido com o que consideraria falta de apoio dos EUA. O Embaixador recomenda que os EUA auxiliem o Brasil neste momento, pois o governo mostrava que estava tentando resolver a situação do país. Em telegrama confidencial enviado em 24 de Janeiro de 1955, o Embaixador Kemper faz uma análise do governo de Café Filho em que comenta

“From the United States standpoint, the most serious development is the growing inclination to place the blame on the United States for not having moved rapidly and generously with respect to financial aid and to ascribe to this lack of outside aid the responsibility for the Administration’s failure to supply courageous leadership. This viewpoint is beginning to take root among Brazilians who are normally our staunch supporters. Officials of the Government are discouraged and are tending toward a frame of mind which may prejudice the attainment of United States objectives and aid the election of individuals who may pose future serious problems for United States policy. (...) In spite of its weaknesses, the Café Filho Government is fundamentally well disposed toward the United States, which scarcely could be said of its predecessor, and has tried to place its nation’s welfare above personal interests or petty political ambitions. ” (732.00/1-2455)

Fica evidente que havia um clima de animosidade contra os EUA no Brasil, sendo ele inclusive acusado por não prestar assistência ao país quando parecia necessário. Há, ainda, a indicação de que Vargas era pouco amistoso com relação aos EUA.

Com a eleição do governo de Juscelino Kubitschek, o embaixador dos EUA da época, visitou o presidente eleito em Outubro de 1955 procurando saber se comunistas teriam importância em seu governo. O Embaixador Dunn relatou ao Departamento de Estado que

“He stated that he was not a Communist would not permit the Communists to be active in his government and recalled that he when Deputy for Minas, had voted to deprive the Communist Party of legal status. He regretted that certain of the press in US were giving impression he was connected with the Communists and he was concerned that such an impression might interfere with the good relations he hoped to have between Brazil and the US”.  
(732.00/10–1955).

A comunicação mostra ainda uma grande disposição dos EUA de colaborar como o então eleito presidente do Brasil.

De uma forma geral, os telegramas de 1953 a 1956 enviados pelo embaixador dos EUA para o Departamento de Estado, época crucial para a exportação e expansão do ensino do management para o Brasil, deixam claras as dificuldades enfrentadas pelo país em seu cenário econômico e social. Mostra ainda que há um contexto de relações conturbadas entre Brasil e EUA.

A Embaixada dos EUA também realizava leituras periódicas sobre a situação brasileira que davam subsídios ao governo daquele país para tomar decisões relativas aos seus interesses no Brasil. Olhavam com muita desconfiança quando alguém novo assumia a Presidência, em especial a forma que iriam se relacionar com os interesses dos EUA no país. Além disso, constatamos que a Embaixada produzia guias das cidades Brasileiras que eram enviados aos professores dos EUA que vinham para o Brasil. Há guias e comentários de cidades como Porto Alegre, São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro. Por fim, o consulado em São Paulo, Porto Alegre e Salvador serviam para os serviços de correio entre os membros da MSU no Brasil e a sua base nos EUA. Os relatórios do progresso da missão eram encaminhados por meio da correspondência diplomática. Além disso, a representação diplomática dos EUA cumpria as funções consulares para os professores Norte-Americanos baseados no

Brasil. A representação diplomática dos EUA exerceu, assim, uma função de apoio e esteve mais distante da importação e expansão do management para o Brasil.

A MSU e o Institute of Inter-American Affairs tiveram um papel mais proeminente, conforme analisaremos a seguir.

*O Institute of Inter-American Affairs e a Michigan State College of Agriculture and Applied Sciences*

Em 29 de Junho de 1953, é firmado o contrato IAAC-45 entre o Governo dos EUA, representado pelo The Institute of Inter-American Affairs - the Technical Cooperation Administration (IIA) e a MSU, então denominada como Michigan State College of Agriculture and Applied Sciences. O contrato versa sobre o apoio que a MSU daria à FGV no estabelecimento e condução de uma escola de negócios no Brasil. A função do IIA era promover e aumentar a solidariedade hemisférica e a cooperação Inter-Americana, especialmente nas áreas comercial e econômica. Ele surgiu na década de 1940 como uma maneira de auxiliar na construção de uma imagem favorável dos EUA na América Latina em um contexto de pré-II Guerra Mundial com o intuito de afastar a influência do Eixo que era sentida no subcontinente. O IIA cumpriu papel importante na Americanização do Brasil, constituindo-se como uma “fábrica de ideologias” (Tota, 2000). Na década de 1950, o instituto estava menos influente no Brasil, mas mesmo assim foi a agência utilizada pelo governo dos EUA para conduzir a exportação do management para o nosso país. O contrato IAAC-45 estabelece que a MSU deveria alocar no Brasil “técnicos” qualificados no campo de gestão. Tais “técnicos” iriam trabalhar no Brasil seguindo a direção e a coordenação do diretor da missão do IIA no país. A função fundamental era assessorar, aconselhar e assistir a FGV na criação, estabelecimento e desenvolvimento de uma escola de negócios. O contrato estabelece que o IIA iria pagar \$32.904 para a MSU por suas atividades anualmente. Hoje este valor equivaleria cerca de \$ 700.000 (<http://www.measuringworth.com/uscompare/relativevalue.php>). O montante deveria ser utilizado para o pagamento de salários e demais despesas dos “técnicos” da MSU enviados ao Brasil. Mais 12,5% deste valor seria pago para cobrir os custos

administrativos da MSU com a sua operação nos trópicos. A MSU tinha que enviar os comprovantes de despesa para o IAA como forma de prestar contas de seus gastos.

O IIA comprometeu-se a conseguir para a missão da MSU no Brasil, por meios próprios ou com o apoio do Governo do Brasil, o seguinte: (a) espaço em escritórios adequados, equipamentos de escritório e assistência de secretários e secretárias e demais pessoal administrativo; (b) transporte local para os membros da missão dentro do Brasil quando desempenhando atividades ligadas ao trabalho na missão e (c) equipamentos, materiais e todos os demais recursos necessários para o desempenho da missão no Brasil. Desta forma, a IIA se estabeleceu como a gestora e a organização que irá financiar a exportação e da expansão do management para o nosso país (veja: IAAC-45).

Após 18 anos de Michigan ter se transformado em um estado, a MSU foi criado no dia 15 de Fevereiro de 1855 o Agricultural College of the State of Michigan, instituição que mais tarde se transformaria na MSU. Em seu início, o College ministrava cursos na área de Ciências Agrárias, sendo a primeira instituição no país a ensinar ciências da agricultura. Com o passar no tempo, novos cursos foram estabelecidos.

MSU teve um papel fundamental no ideal Norte-Americano de levar o “progresso” ao mundo. Horn (1985) fez um levantamento dos projetos de desenvolvimento internacional em que houve a participação da MSU entre 1951 e 1985. Ela contabilizou 150 projetos em que a MSU esteve envolvida no exterior. Exemplos destes projetos são: polícia e gestão pública no Vietnã, expansão da universidade do Zimbábue, revisão do ensino de agricultura na Tailândia, auxílio no desenvolvimento da indústria cinematográfica no Irã; desenvolvimento de capacitação em agricultura na Indonésia; estabelecimento da Universidade de Addis Abba na Etiópia, somente para citar alguns. A MSU forneceu apoio e capacitação técnica em praticamente todos os continentes do mundo em inúmeras áreas de conhecimento.

Em um contexto de Guerra Fria, o aumento da presença de Norte-Americanos no exterior em diferentes missões técnicas e de cooperação bilateral como forma de se opor a URSS (Alcadipani & Bertero, 2011) levou ao desenvolvimento de uma série ações para facilitar esta presença no exterior. Por exemplo, diversos materiais a

respeito de como as pessoas que iam para fora como representantes dos EUA no exterior deveriam se comportar foram produzidos. Havia uma Organização Não Governamental chamada American Council for Nationalities Service que emitia materiais informativos que eram entregues aos profissionais dos EUA que faziam parte de missões para fora do país. Os “técnicos” da MSU que vieram ao Brasil receberam este tipo de material e treinamento. Em uma brochura chamada “Americans Abroad Spokesmen for the United States”, de 1959, havia uma introdução feita pelo Presidente Eisenhower em que ele dizia “Year after year increasing numbers of our citizens travel to foreign countries. In most of these lands there exists a reservoir of good will for the United States and a knowledge of what we stand for. In some areas our country aspirations are less well understood. To all varied peoples of these many countries, the American citizen abroad represents the United States of America”. O documento começa informando que “representing our country overseas is a pretty big assignment”. A brochura mostra os “Dos e os Don’ts of international conversation” e apresenta respostas para perguntas difíceis. Exemplos de questões eram: “Do the Americans really want Peace?; “Isn’t U.S. talk about a position of strength evidence of your aggressive intentions?; Why does the U.S. maintain a ring of bases around the Soviet bloc?; wasn’t the U.S. guilty of aggression in sending its Lebanon?; Does the U.S. really want disarmament? Isn’t true that U.S. policies tend to divide the world into hostile camps?” .

A minúcia das indicações de como se portar chegavam inclusive às esposas. Havia documentos a respeito de como as esposas dos americanos deveriam se comportar no exterior. Um deles, de 1962, começa assim: “About a quarter of a million American wives are now living abroad with their husbands who work for our government, business firms, churches, and foundations. The way they live has suddenly become a national concern. What happens to an air base, an aid program or a missionary school may largely depend on them”.

No Brasil, há registros de 4 projetos que foram desenvolvidos pela MSU. O primeiro deles, financiado pela USAID e que durou entre 1960-1965, teve o objetivo de criar um centro Audio Visual para o desenvolvimento de material de ensino e treinamento para escolas e universidades. O centro foi desenvolvido dentro da Universidade de



São Paulo. O segundo projeto, também financiado pela USAID, tinha o objetivo de expandir e melhorar o ensino em ciências agrárias no país. O projeto durou de 1974 a 1978. Houve a participação da USP, UFRGS, UFV, UFMG, UFCE e a UFRRJ. O terceiro projeto aconteceu entre os anos de 1958 e 1965 e tinha o objetivo de institucionalizar o ensino de gestão no Brasil. O projeto foi financiado pela Ford Foundation e pelo governo brasileiro. Horn (1985) informa que participaram a UFBA, a UFRGS e as universidades de Indiana, Syracuse e Pittsburg, muito embora não tenhamos encontrado outras menções a estas universidades em outros documentos. Por fim, houve a criação das escolas de management que durou entre 1953 e 1966. O projeto envolveu a EAESP, a UFBA e a UFRGS. Somente este projeto custou \$ 799.107 (valor que hoje equivaleria a cerca de U\$ 10 milhões de acordo com <http://www.measuringworth.com/uscompare/relativevalue.php>) e foi financiado pelo governo brasileiro e pelo USAID.

Deste forma, a exportação e a expansão do management para o Brasil fez parte de um grupo extensivo de projetos de desenvolvimento financiados e apoiados pelos EUA ao redor do mundo. Além disso, no caso brasileiro a MSU não estava apenas envolvida com management, mas também agricultura e capacitação técnica em áudio visual para a produção de matérias didáticos. Ao levar em conta o contexto das ações desempenhadas pela MSU no Brasil e no mundo é possível notar que a exportação e expansão do management no nosso país segue o padrão de uma ação organizada e orquestrada pelo governo Norte Americano para exportar o desenvolvimento a lá EUA para outros países do mundo, principalmente durante os anos de 1950 e 1960. Não se trata, assim, de uma ação isolada. Para se ter uma ideia, o mesmo gestor que na MSU coordenava as atividades dos projetos a respeito de management no Brasil também fazia a coordenação das atividades envolvidas a presença da MSU no Vietnam.

A MSU teve a função de apoiar o desenvolvimento e expansão da capacidade de se ensinar management no Brasil oferecendo expertise técnica para a empreitada. O artigo I do contrato IAAC-45 entre a MSU e o governo dos EUA estabelece com detalhes as funções da MSU em relação à EAESP e demais instituições de ensino de management no Brasil. No artigo I consta:



“1. Advise and assist the Foundation in instituting modern teaching methods at the school; 2. Advise and assist the Foundation in developing a curriculum for the school in developing programs for the courses to be taught at the school; 3. Provide guidance to Brazilian professors in their teaching courses at the school; 4. Undertake the teaching of courses at the School up to a maximum of 9 hours of class per week for each technician assigned by the college in Brazil under this agreement; 5. Train Brazilian teaching assistants who may be assigned to work with the technicians assigned by the college in Brazil with the objective of preparing these assistants to take over the teaching of the course initially to be taught by the technicians assigned by the College; 6. Advise and assist Getulio Vargas Foundation in the planning and implementation of a sênior management training program for business and government executives on a part-time non-degree basis; (...) B. The college [MSU] shall be responsible for furnishing competente technicians to perform the services provided for in Paragraph A above, and for paying all salaries, allowances, travel costs and other expenses necessary to the satisfactory performance of services provided for herein except as otherwise specifically provided in this Agreement (...) 3. The contractor shall be responsible for the technical competence of its personnel assigned to perform services in Brazil under this Agreement, and for satisfying itself with respect to their character, moral fitness, and suitability for assignment in Brazil in view of the conditions and cultural patterns that will be encountered there; provided, that prior to the assignment of any individual to perform services under this Agreement in Brazil, the College will obtain the approval of the Institute shall submit biographic information on such individual requested by the Institute.”

As funções da MSU estavam relacionadas com implementar e estabelecer uma escola de negócios no Brasil que deveria servir de centro difusor do management no país. Para tanto, enviou uma missão de professores. Entre 1954 e 1958. 11 professores da MSU vieram ao país e ficaram por aproximadamente um período de 2 anos cada um deles. A maioria deles esteve lotado na EAESP-FGV. Houve, ainda, professores na

UFRGS e na UFBA, além de no curso de Engenharia da Produção na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. A MSU tinha o papel de recrutar, selecionar, enviar e gerir todas as questões associadas a ao envio e a manutenção dos professores. Isso envolvia de conseguir o certificado de que os professores não tinham pendências com a Justiça dos EUA e não tinham ligações com comunistas, tirar o visto dos professores na embaixada brasileira em Washington até enviar toda a mudança dos professores. Em tais mudanças, todos os móveis, utensílios domésticos e até mesmo os carros dos professores eram enviados por navio para o Brasil. Tratava-se de uma operação bastante laboriosa e cheia de minúcias e detalhes. Os professores mantinham correspondências frequentes com a MSU e reportavam suas atividades no Brasil. Como vimos, a Fundação Ford (FF) financiou, junto com o CNPq, atividades relacionadas com a expansão do management no Brasil. Na próxima sessão, trataremos do papel desempenhado pela FF na exportação e expansão do management no Brasil.

#### *Fundação Ford*

A FF foi criada em 1936 por Henry Ford para evitar novos impostos estaduais sobre sua herança e, como tal, deixar a riqueza da família quase intacta (Arnove & Pinede, 2007). No início, a FF estava intimamente relacionada com os interesses da empresa na área de Detroit. Neste período, as atividades da FF eram modestas em escala. No entanto, na década de 1940 a FF adquiriu 90% das ações da Ford Motor Company, e assim se tornou a fundação mais rica do mundo. O envolvimento de Henry Ford II desempenhou um papel decisivo tornar a FF tão poderosa (Sutton, 1987).

A FF é uma organização extremamente influente e desempenhou papel decisivo na reformulação da educação do management nos EUA. Um de seus principais presidentes foi Thomaz (Tom) Carroll. Em 1959, Tom Carroll, então Vice-Presidente da FF, publicou um artigo no Journal of the Academy of Management (atual AMJ), intitulado: "A Fundação expressa seu interesse na Educação em management". Neste trabalho, Carroll (1959) afirma que o interesse da FF na educação em gestão vem de recomendações feitas por um comitê que estabeleceu as direções que a instituição deveria tomar e alocar seus recursos em 1948. Tal comitê

sugeriu que a FF deveria direcionar seus recursos monetários "para trabalhar para o bem-estar humano" (Carroll, 1959 : 155 ). Khurana e Spender (2011) argumentam que a FF e o governo dos EUA haviam notado a necessidade de se estabelecer uma base científica na formação em management como um importante mecanismo por meio do qual os EUA iriam cumprir suas "obrigações morais e para o desenvolvimento econômico" do pós-guerra (Khurana & Spender , 2011: 7). Para Carroll tratava-se de estabelecer “a base inevitável do progresso na solução do problema de management, bem como de outros problemas humanos, como mitigar a tensão que aparece continuamente para ameaçar a paz mundial (Carroll, 1952 : 552).

A preocupação da FF com a educação em management também teve uma dimensão internacional. Em 1959, Carroll notou que a FF já estava patrocinando de iniciativas de educação na área na Europa e na Ásia (Carroll, 1959). Ele apontou especificamente que:

“estudantes estrangeiros vêm muitas vezes à instituições nos Estados Unidos para fazer sua pós-graduação. De fato, o crescente prestígio das nossas escolas de negócios provavelmente irá elevar o número de estrangeiros. Além disso, professores americanos irão desempenhar por algum tempo papel significativo na formação de professores e pessoal de pesquisa no exterior” (Carroll 1959 : 164) .

Como vimos, a FF considerava que possuía um “dever moral” em fomentar o desenvolvimento econômico (Khurana e Spender, 2011). Tal suposto dever foi a justificativa ética para a construção de uma agenda internacional mais ampla.

Em 1956, Robert Aaron Gordon e James E. Howell foram convidados pela sede da FF para desenvolver um relatório de análise a respeito dos objetivos e métodos de ensino nas escolas de management para atender as exigências dos negócios e da sociedade (Carroll, 1959 : 158). Eles produziram um relatório de 470 páginas denominado “Ensino em Management” ( Gordon & Howell, 1959). O relatório continha a recomendação de uma "reforma ampla e drástica " na educação em management nos EUA tornando ela mais “científica”. Para Khurana e Spender (2011), o objetivo da FF para a educação em management foi para torná-lo mais substancial academicamente e em orientá-la na direção de lidar com as necessidades

da "gestão americana". Usando todo o seu poder financeiro nos EUA e no exterior, a FF difundiu um modelo de educação de negócios que exigia mais rigor disciplinar, maior ênfase na pesquisa quantitativa entre os docentes, uma seleção mais rigorosa dos alunos e treinamento sistemático para professores e alunos nas disciplinas de psicologia, sociologia, economia e estatísticas ( Khurana & Spender , 2011: 9).

De acordo com Khurana et al. (2011), a FF reformulou a educação em negócios nos EUA tornando-a mais acadêmica e disciplinada, conduzindo-a em direção a uma base mais quantitativa e mais fundamentada em uma visão da economia clássica. Tom Carroll foi um dos principais patrocinadores desta ideia (Pooley & Solovey, 2010). Acreditava-se que, ao aplicar a disciplina, o rigor e as leis da ciência para as organizações eles seriam capazes de construir uma ciência da gestão da mesma maneira como a engenharia projeta e constrói pontes (Khurana & Spender , 2011: 9).

O sucesso da FF em alterar o campo do ensino da management levou Khurana et al. (2011) a denominar a FF como uma "instituição dominante". Para os autores, tais organizações tem as seguintes características: são capazes de fazer intermediação entre diferentes setores institucionais. Além disso, elas podem legitimar ou estigmatizar organizações e/ou suas práticas. Finalmente, elas criam dependências de recursos com as principais organizações que estão tentando mudar. A FF atuou no pós-II Guerra no chamado "Terceiro Mundo", promovendo modelos e valores dos Estados Unidos por meio de uma versão específica trabalho intelectual A FF promoveu globalmente a criação de valores "científicos" dos EUA na academia em diferentes países.

A FF desempenhou papel crucial na solidificação da EAESP-FGV, em um momento em que ela enfrentava dificuldades financeiras. No início, o suporte da FF parecia ser fácil de conseguir. Em dezembro de 1956 o Conselho de Curadores da EAESP (Minutas do Conselho de Curadores, setembro, 1956) ouviu que dois contatos pessoais haviam sido realizados com a FF para explorar as possibilidades desta financiar a EAESP. Porém, em ambas as ocasiões a resposta foi similar. Em conversa com um representante da FF em uma reunião na MSU, o representante percebeu

“uma pequena chance de auxílio porque eles estavam concentrando no Oriente Médio, Sudeste da Ásia e África, por serem áreas mais próximas aos países comunistas dominados (Minutas do Conselho de Curadores, setembro, 1956:07)”

Resposta similar foi dada ao diretor da MSU por Thomas Carroll, à época vice-presidente da FF. As Minutas do Conselho de Curadores (Setembro, 1956) deixam claro que Carroll pensou que a EAESP não seria elegível aos recursos da FF porque “O Brasil não estava na zona de perigo” (Minutas do Conselho de Curadores, setembro, 1956:07).

Na reunião de 1958 do Conselho de Curadores da EAESP (Minutas do Conselho de Curadores, setembro, 1958) foi registrado que um membro do conselho escreveria para o ministro (“Butrick”) no Departamento de Estado americano, solicitando que este “levasse o problema até a Fundação Ford” (Minutas do Conselho de Curadores, janeiro, 1958:22).

Coincidentemente ou não, em 1960, a Fundação Ford estava mostrando “grande interesse” (Minutas do Conselho de Curadores, março, 1960) em considerar um pedido de doação pela EAESP. Em março de 1961 a EAESP recebeu o diretor de pesquisa da MSU por dois meses (Minutas do Conselho de Curadores, março, 1961). O objetivo da visita era delinear uma proposta para fomentar a pesquisa acadêmica na EAESP. Na EAESP, o fato foi percebido como um passo crucial em direção ao estabelecimento de uma parceria com a FF. De acordo com os arquivos da EAESP (Minutas do Conselho de Curadores, maio, 1961), o vice-presidente da FF, senhor F. F. (sic) Hill, também visitou a escola em maio de 1961 e deixou claro para o diretor que a FF patrocinaria o desenvolvimento de atividades de pesquisa na EAESP, tanto que esta enviou um relatório e um plano para ser analisado pela FF. O representante da FF inclusive falou sobre quanto a FF estaria interessada em disponibilizar para a EAESP, cerca de \$100,000 na época (Minutas do Conselho de Curadores, maio, 1961). Quanto tais números foram discutidos na reunião do Conselho de Curadores, um dos representantes brasileiros questionou o diretor se “a Fundação Ford estava realmente disposta em fazer uma contribuição tão alta para a escola?” (Minutas do Conselho de Curadores, maio, 1961:5).

A quantia de dinheiro que a FF estava disposta a oferecer era substancial. Porém, a FF daria o dinheiro apenas se a comunidade de negócios brasileira contribuísse também (Minutas do Conselho de Curadores, maio, 1961). Quando Ford foi informado que o diretor estava presente, disse que estaria “muito satisfeito em patrocinar a escola” (Minutas do Conselho de Curadores, maio, 1961:16).

A FF financiou a tradução e a produção de livros-texto no campo de management no Brasil (veja Alcadipani e Cooke, 2012 para uma análise) e também forneceu recursos para o desenvolvimento da capacidade de se produzir pesquisas de qualidade internacional, ou seja similar as feitas nos EUA, na instituição, mas que enfrentou problemas para atingir o objetivo (veja Alcadipani e Cooke, 2013).

Conforme apontamos anteriormente, a FF em conjunto com o governo Brasileiro financiou projetos ligados a expansão do ensino do management no Brasil. Os dois projetos acima faziam parte deste processo. Além disso, um projeto com o objetivo a seguir, sob a responsabilidade de Donald Taylor, membro da missão de professores da MSU no Brasil, foi elaborado. O objetivo era:

“To determine the extent to which the discipline of business administration is institutionalized throughout the Brazilian higher education system; to identify elements in the institutionalizing process that may be useful in planning more effective use of resources in the diffusion of ideas; to expand education in business administration to the University of Rio Grande do Sul and the University of Bahia.” (Horn, 1985:46).

Em consulta aos arquivos da FF em Nova York, encontramos referências da instituição dirigindo os esforços financeiros e de pessoal da MSU e da EAESP no sentido de auxiliar a UFRGS e a UFBA em relação ao ensino de management. Memorando interno de 24 de Junho de 1964 (A116) indica a necessidade da FF para bolsas de estudos para que professores da UFRGS e da UFBA, instituições que possuíam técnicos da MSU, realizassem estudos de pós-graduação na EAESP-FGV e voltassem para suas instituições de ensino. A ideia era forçar a FGV-EAESP a levar em consideração a sua posição como uma instituição de treinamento de professores. Em outro memorando interno de maio de 1972 (209:9) da FF, é apontado que a EAESP já havia treinado 10 professores para a região nordeste e que a Universidade

Federal de Pernambuco havia considerado se tornar um centro de treinamento na área de management para a região nordeste com a presença de professores da EAESP. Um memorando interno de outubro de 1973 (213:18) indica que havia poucas possibilidades da EAESP auxiliar na expansão do management para a região nordeste e outras áreas do país. Indicava, ainda, que as tentativas da EAESP de criar parcerias com outras instituições para a qualificação de seus quadros em management na realidade não obtiveram sucesso. Os técnicos da FF indicaram que isso não ocorreu porque a região Nordeste era “atrasada, ainda uma área presa em seu passado colonial” e que as empresas quando precisavam de pessoal na região traziam do sul como se fossem “expatriados”. Considerou, ainda, que em 1963 dentro de um acordo com a USAID e a MSU a EAESP firmou parcerias com a UFRGS e com a UFBA, mas que elas nunca renderam os frutos desejados e que os acadêmicos que receberam treinamento em São Paulo foram mal preparados.

A FF teve o papel de financiar algumas atividades ligadas a difusão do management no Brasil. Especificamente, buscou catalisar a expansão do ensino de gestão para outras áreas geográficas e também a produção acadêmica na direção de se fazer no Brasil o tipo de pesquisa que era feito nos EUA. Ele entrou fundamentalmente com recursos financeiros que eram concedidos sob a condição de que os objetivos que ela desejava para o ensino do management fossem seguidos no Brasil. O recurso financeiro era uma maneira de buscar criar a possibilidade de se exercer influência nos rumos estratégicos do ensino do management no Brasil. Periodicamente, consultores da FF viam ao Brasil auditar se o dinheiro estava sendo empregado nos fins estabelecidos.

### **Discussões e Conclusões**

Vimos acima que a educação em management é exportada para o Brasil como uma ação consicente e coordenada de algumas instituições dos EUA (governo, universidades e fundações) em parceria com o governo Brasileiro e uma fundação do nosso país, a FGV. Escolhemos por centrar nossa análise no papel desempenhado por instituições Norte-Americanas, pois elas desempenharam papel crucial em fornecer auxílio técnico e financeiro para a empreitada. Em estudo anterior, discutimos o papel da Guerra Fria neste processo (Alcadipani & Bertero, 2012). Neste texto,



permenorizamos a análise e trouxemos como pano de fundo as relações entre Brasil e EUA. Vimos acima que no período em que o ensino do management é exportado e se expande no Brasil o país passava por um período político bastante conturbado. Entre 1953 e 1966, tivemos o suicídio de Getulio Vargas, a renúncia de Jânio Quadros e a deposição de João Goulard. Tirando o período do milagre econômico no governo Juscelino, a economia brasileira esteve com problemas sérios e a relação com os EUA esteve conturbada. Conforme destacamos, havia pressões expressivas para que os EUA fornecesse mais ajuda e cooperação ao Brasil. Percebemos, ainda, uma grande desconfiança dos EUA com relação a presidentes Brasileiros, mas isso não impediu a cooperação para a exportação e a expansão do ensino do management no Brasil. Vimos, assim, que a primeira instituição para a exportação e expansão do management no Brasil foi a representação diplomática dos EUA no nosso país. Ela cumpriu um papel de municiar o governo dos EUA com informações sobre o Brasil e também de proteger os interesses dos EUA no país. Ela, ainda, sobreviveu de suporte as operações da missão da MSU nos seus diferentes projetos.

Apesar das turbulências nas relações entre Brasil e EUA, provavelmente, a cooperação em ensino e pesquisa ocorreu devido ao fato de haver um grande interesse dos EUA em parcerias acadêmicas durante este período, principalmente devido a questão da Guerra Fria, conforme argumentamos em Alcadipani e Bertero (2012). Vimos acima que a MSU esteve envolvida em 150 projetos de cooperação técnica internacional em diferentes países do mundo em inúmeras áreas do conhecimento. Isso sem falar nas demais universidades do país. Havia nos EUA nesta época uma verdadeira indústria de cooperação internacional acadêmica com muitos recursos disponíveis para este tipo de projeto. Vimos acima os valores expressivos gastos pelos EUA no projeto de exportação e expansão do ensino do management em nosso país. Um ponto que chama atenção é que os EUA financiavam universidades Norte-Americanas, com técnicos e professores daquele país para realizar as tarefas no Brasil. Com isso, os recursos financeiros ficaram em posse dos EUA o tempo todo e acabaram por financiar as universidades daquele país. Dentro do montante investido, pouco veio para o Brasil. Notamos, ainda, que o projeto sobre o management não era



o único realizado pela MSU no Brasil. Isso indica que suas atividades no país foram maiores em escopo e profundidade.

A MSU forneceu professores que formaram uma missão que veio ao Brasil com o intuito de conduzir atividades que desenvolveram o ensino do management no Brasil. Eles estiveram presentes na FGV-EAESP, na UFRGS e na UFBA. O ensino do management já era desempenhada na ESAN, mas esta instituição era uma criação de um entusiasta do ensino do management e ficou bastante circunscrita ao espaço da escola. Foi apenas quando contou com o apoio do governo e de fundações Norte-Americanas, que o management ganhou destaque no Brasil e expandiu para o Sul e Nordeste. Assim, a MSU foi a instituição Norte-America que terminou por ter a responsabilidade de exportar e expandir o management no país. Vimos acima que isso foi o resultado de um processo longo e que tomou bastante tempo e recursos. A FF entrou quando o ensino do management já tinha destaque no país e forneceu auxílio financeiro para poder auxiliar ainda mais na consolidação da empreitada. Ela fornecia apoio financeiro, que foi bem mais limitado do que do Governo dos EUA, em troca de tentar influenciar os rumos em relação a qual caminho o ensino do management deveria seguir. Vimos, todavia, que a FF não obteve muito sucesso em suas ações no Brasil. De um mundo geral, a representação dos EUA no Brasil, a MSU e a FF formaram uma rede que permitiu a exportação e a expansão do management para o nosso país.

Neste texto, aprofundamos a questão da exportação e expansão do ensino do management para o Brasil ao contextualizarmos esta ação dentro das relações Brasil-EUA da época. Além disso, mostramos detalhadamente o papel das instituições Norte-Americanas neste processo e trazemos ainda a questão da expansão deste ensino para o Sul e o Nordeste do Brasil como o resultado de apoio e pressões dos EUA para que isso acontecesse. Em próximos artigos buscaremos pormenorizar as ações que permitiram a expansão do ensino do management para a UFRGS e UFBA.

### **Referências**

ALCADIPANI, R. & BERTERO, C. (2012) Guerra fria e ensino do management no Brasil: o caso da FGV-EAESP. RAE-Revista de Management, vol. 52, n. 3, maio-junho

ALCADIPANI, R., & COOKE, B. 2012. The Case of the Missing Textbooks, Or Textbook Case? A Brazilian Micro-History of The Transfer of Management Knowledge.

BARROS, A. N. ; CARRIERI, A. P. (2013) . Ensino superior em Administração entre os anos 1940 e 1950: uma discussão a partir dos acordos de cooperação Brasil-Estados Unidos. Cadernos EBAPE.BR (FGV), v. XI, p. 256-273.

BARROS, A. N. (2013) UMA NARRATIVA SOBRE A HISTÓRIA DOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO DA FACE-UFMG: às margens do mundo e à sombra da FGV?. Tese de Doutorado. FACE-UFMG.

BERTERO, C. Ensino e Pesquisa em Administração. São Paulo: Thompson Learning. 2006.

BOOTH, C. et al. Management and Organizational History: Prospects Management & Organizational History. Vol. 1: 5-30. 2006.

CALDAS, M e ALCADIPANI, R. Americanização e pós-colonialismo: a gênese da referência norte-americana na cultura e gestão no Brasil. In: CHANLAT, J. F. et al (Orgs.). Análise das organizações – Perspectivas latinas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

CLARK. I. (2005) Book Review: Americanization and its Limits: Re-Working US Technology and Management in Post-War Europe and Japan. Work, employment and society. V. 19 (2):438-440.

COOKE , B. (1999) ‘Writing the Left Out of Management Theory: the Historiography of the Management of Change’, Organization. V. 6 (1):81-106

COOKE, B. (2003) The denial of slavery in Management Studies. Journal of Management Studies. V. 40(8):1835-1918.

CURADO, I. B. Pesquisa Historiográfica em Administração: uma proposta metodológica. In: Campinas: Anais da ENANPAD, 2001.

DUREPOS, ALBERT J. MILLS & TERRANCE G. WEATHERBEE. (2012) Theorizing the past: Realism, relativism, relationalism and the reassembly of Weber. Management & Organizational History Volume 7, Issue 3, August 2012, pages 267-281

DUREPOS, G. ALBERT J. MILLS & JEAN HELMS MILLS (2008) Tales in the manufacture of knowledge: Writing a company history of Pan American World Airways. Journal: Management & Organizational History. Volume 3, Issue 1, February 2008, pages 63-80

FRENKEL, M & SHENHAV, Y. (2003) From Americanization to Colonization: The Diffusion of Productivity Models Revisited *Organization Studies* V. 24(9): 1537–1561

GANTMAN, E. & RODRIGUES, C. (2008) Notas sobre la evolución del conocimiento administrativo em la República Argentina y su comparación con el caso español (1913-2007). *Cadernos EBAPE.br*. V.06 (4): 2-22.

GARRIDO, J. (1993) “As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13(25/26): 33-54.

GERSTLE, G. (1989) *Working-class Americanism: the politics of labour in a textile city, 1914-1960*. Cambridge: Cambridge University Press.

GORDON, R. A., & HOWELL, J. E. (1959) *Higher education for business*. New York: Columbia University Press.

IGGERS, G. (1997) *Historiography in the Twentieth Century: from scientific objectivity to the postmodern challenge*. Hanover, University Press of New England.

KHURANA R. (2007) *From Higher Aims to Hired Hands: The Social Transformation of American Business Schools and the Unfulfilled Promise of Management as a Profession*. Princeton: Princeton University Press.

KHURANA R., KIMURA, K., & FOURCAD, M. (2011) *How Foundations Think: The Ford Foundation as a Dominating Institution in the Field of American Business Schools*. [Working Paper Number: 11-070]. Harvard Business School, Boston, MA.

KHURANA, R. *From higher aims to hired hands*. New Jersey: Princeton University Press, 2007.

LEAVITT, H. (1957) On the Export of American Management Education *The Journal of Business*, V. 30 (3): 153-161

MILLS, A., & HELMS MILLS, J. (2011). *Digging Archeology: Postpositivist Theory and Archival Research in Case Study Development*. In R. Piekkari & C. Welch (Eds.), *Rethinking the Case Study in International Business Research* (pp. 342-360). Northampton, MA: Edward Elgar Publishing.

MILLS, A., & YUE, A. (2011). *Historiography and the Past in Business Studies*. In A. Bryman, E. Bell, A. Mills & A. Yue (Eds.), *Business Research Methods* (Canadian Edition ed.). Don Mills, Ontario: Oxford.

MIR, R; et al (2004) *MANAGERIAL KNOWLEDGE AS PROPERTY: THE ROLE OF UNIVERSITIES*. *Organization Management Knowledge*. V. 1 (2): 126-137.

NEAL, M. e FINLAY, J. (2008) American Hegemony and Business Education in the Arab World. *Journal of Management Education*, V. 32 (1): 38-83.



# IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2014)

SERVA, Maurício (1992) A Importação de Metodologias Administrativas no Brasil - Uma Análise Semiológica. *RAP. Revista Brasileira de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 26, n.4, p. 128-144.

SPINK, P. (1999) Análise de documentos de domínio público. In: SPINK, M.J. (org) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*, São Paulo, Cortez Editora.

SRINIVAS, N. (2009) Mimicry and Revival The Transfer and Transformation of management Knowledge to India, 1959–1990 *Int. Studies of Mgt. & Org.*, V. 38 (4): 38–58.

Taylor, D. (1968) *Institutional Building in Business Administration*. East Leasing: MSU.

TIRATSOO, N. & TOMLINSON, J. (1997). *The conservatives and industrial efficiency, 1951-64. Thirteen wasted years?* London: London School of Economics and Political Science/ Routledge.

TOTA, A. (2000) *O Imperialismo Sedutor- A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra*. São Paulo: Cia das Letras.

ÜSDIKEN, B., ÇETIN, D. 2001, “From Betriebswirtschaftslehre to Human Relations: Turkish Management Literature before and after the Second World War”, *Business History*. V. 43(2): 99-124

WARREN, J. (1998). *The past and its presenters: an introduction to issues in historiography*, Hodder & Stoughton.

ZEITLIN, J. (2000) ‘Introduction: Americanization and its limits: Reworking US technology and management in post-war Europe and Japan’ in *Americanization and its limits: Reworking US technology and management in post-war Europe and Japan*. Jonathan Zeitlin and Gary Herrigel (eds), 1–52. Oxford: Oxford University Press.